

Identidade portuguesa e identidade catalã em Teixeira de Pascoaes e na «Renascença Portuguesa»: um exemplo de aproximação entre nacionalismos

Víctor Martínez-Gil

Departament de Filologia Catalana
Universitat Autònoma de Barcelona
(victor.martinez@uab.cat)

Falar em identidade nacional é sempre muito perigoso. A filosofia comunitarista, defendida por autores como Robert Bellah, Charles Taylor, Michael Walzer ou Alasdair MacIntyre, coloca a identidade social como a autêntica identidade do eu, pois ela seria a identidade principal ou dominante. Esta posição, ambígua no eixo ideológico a pesar das suas crítica ao liberalismo, tem tido muito sucesso, especialmente nos sectores intelectuais relacionados com reivindicações nacionalistas –o próprio Charles Taylor é um fervente defensor do Quebec. Assim, Joan F. Mira, antropólogo e escritor, catalanista nascido em Valência, segue estas teorias quando escreve: «Allò que és *natural*, ja ho deien els grecs fa vint-i-quatre segles, és que no es pot ser humà sense ser social, que la vida humana és una vida en societat, o no és humana. Dit d'una altra manera, que l'afirmació del jo es fa en termes de pertinença, en la mesura que membre d'un grup; i per tant, tota autodefinició és una autoinclusió».¹ O que é essencial neste tipo de teorias é a crença em que existe um grupo de identidade básica ou transversal: «Autoinclusió en grups d'identitat de diferents nivells i força, però autoinclusió sobretot en un grup d'identitat bàsica: saber quin és i què és aquell grup, la pertinença al qual

Esta pesquisa conta com o apoio do projecto FFI2008-02987: «Intercambios entre sistemas literarios: mediación y mediadores desde la literatura catalana (s. XX)» do Ministério de Educação espanhol.

¹. Joan F. Mira, *Hèrcules i l'antropòleg*, Valência, Edicions 3i4, 1994, p. 133.

defineix més que cap altre la pròpia situació, posició i lloc al món». ² Este grupo de identidade básica teria tido diferentes plasmações históricas: «el llinatge o la tribu, la polis grega, la ciutadania romana, la comunitat dels creients o, en les societats modernes o en curs de modernització, la societat nacional». ³

Os grupos de identidade básica não são, no fundo, uma maneira de exercer um domínio social e ideológico? Uma violência feita ao indivíduo? O prémio Nobel de Economia Amartya Sen, mais próximo das ideias pós-modernas, defende no seu livro *Identity and Violence* (2006) que a identidade partilhada com a comunidade não é a principal ou dominante, a única significativa, que possui um indivíduo. Segundo Sen, há outras identidades que formam o indivíduo tão importantes como aquela: o lugar de residência, a origem geográfica, o género sexual, a classe social, os hábitos alimentares, os gustos culturais, os compromissos sociais, etc. Estas diferentes colectividades, às quais pertencemos simultaneamente, seriam, em conjunto, a nossa identidade particular. Ainda que este facto é indiscutível, não é possível esquecer que determinados factores (a língua, a tradição, a religião) são definidos socialmente como identidades básicas, com a conseguinte luta entre elas e as tendências individuais. Idealmente, as identidades básicas deveriam ser neutras e permitir a pluralidade: então, seria compatível ser-se muçulmano e inglês, ser-se catalão e falar castelhano ou ter pais turcos e ser alemão. Não estou a dizer ser tolerado, senão ser-se totalmente inglês, catalão ou alemão. Isso é possível, mas na realidade os grupos sociais e territoriais de poder pedem sempre um princípio básico ao qual é impossível renunciar, dentro do qual são situados os limites da diversidade. Ele pode ser a raça, a religião ou a língua, e pode mudar no tempo, mas ele é sempre proposto como factor de coesão social. E, uma vez definido, a mesma coesão social é vista como imprescindível para o defender.

Se o princípio de coesão social e nacional tem uma relação conflitual com a diversidade interior, será que ele sempre é exclusivo em face a diversidade exterior? Evidentemente, não. Aí estão as lutas entre territórios definidos por uns como uma região e por outros como uma nação. Mas mesmo os territórios definidos geralmente como nações apresentam zonas de sombras e conflitos. Por exemplo, quanto às línguas nacionais, muitas vezes partilhadas com outras nações. Ou entre nações que provêm dum fundo comum, como acontece em muitas partes da Europa. O que é a União

². *Ibidem*, p. 133-134.

³. *Ibidem*, p. 134. Para Mira, o islamismo actual não seria portanto propriamente moderno. Para uma equiparação do fonamentalismo islâmico com a modernidade, veja-se John Gray, *Al Qaeda and What it Means to be modern*, London, Faber and Faber, 2003.

Europeia senão uma grande zona de relacionamento e ao mesmo tempo de conflitos entre identidades nacionais básicas? O euro, o euribor e as normativas económicas que criam espaços de solidariedade e de defesa de interesses sectoriais transnacionais, são já uma forma de pátria. Porém, é evidente que o cidadão europeu não se tem identificado com esse Estado supranacional, e isso produz um patente mal-estar. Como escreveu Eduardo Prado Coelho, «precisamos de saber se queremos apenas uma Europa-espaço ou se pretendemos construir uma Europa-potência dos valores e da cultura».⁴ Essa Europa dos valores tem muitos caminhos para ser construída e também muitas possibilidades de fracassar. É evidente que a Europa não pode ser uma nação nem um império ao antigo modo. Só se ela se converter num espaço dominado totalmente pelo comércio e pelo inglês –o que, aliás, em parte já está a acontecer. Mas, se falamos numa Europa dos valores, então temos de desenhar um espaço que possa conter a diversidade nacional num marco tanto económico quanto de cidadania. O seu grau de *laicismo* (religioso, mas também de diversidade nacional) vai ser a prova real de que ela pode ser construída efectivamente –por exemplo, incorporando a muçulmana Turquia se esse país aceitar os valores europeus no campo do desenvolvimento quer económico, quer social e democrático. E esse *laicismo* inclui também criar mediações nos espaços em que diferentes identidades básicas definem zonas de relacionamentos e de conflitos. Esses espaços são, em pequena escala, uma representação da mesma Europa, feita de oposições e de solidariedades. A minha intenção é falar de uma dessas zonas –o espaço ibérico–, do conflito que contém e da solidariedade interior que esse tipo de conflitos pode criar, neste caso naquele que pode ser chamado o espaço luso-catalão.

A identidade nacional portuguesa e a Ibéria

Quais os alicerces da identidade nacional portuguesa? Num artigo recente publicado no jornal *La Vanguardia*, o professor e escritor angolano Gabriel Magalhães escreveu: «¿Cuáles son los retos actuales de la portugalidad? El lector ya se ha dado cuenta de que, en realidad, Portugal es un país inviable. Siempre lo ha sido. No posee una individualidad geográfica: sus raíces más profundas las comparte con Galicia; su propio idioma es una evolución, una mundialización del gallego. La independencia

⁴. Eduardo Prado Coelho, *O Fio da Modernidade*, Cruz Quebrada, Editorial Notícias, 2004, p. 77-78.

portuguesa hay que crearla todos los días. Por eso, ser portugués cansa muchísimo. Se puede ser alemán, británico o francés tranquilamente, pero sólo se puede ser portugués en la intranquilidad. Sin personalidad geográfica específica, los portugueses tuvieron que labrarse un territorio propio en la mar. Es con prodigios de este tipo que la portugalidad se ha ido construyendo».⁵ Eis o paradoxo de Portugal: um país «inviável» mais existente. A consciência de pertencer a uma comunidade histórica, cultural e geográfica maior, está sempre presente no pensamento nacional português. Às vezes, essa consciência fez desejar a perda da nacionalidade, isto é, da independência, quando os problemas do país eram muitos, como propunham alguns federalistas do século XIX à maneira de Henriques Nogueira ou Anthero de Quental.⁶ Outras vezes, a hispanidade é percebida como puramente cultural, como em Natália Correia, que fez a definição mais perfeita do problema: «Assuma-se finalmente que a Ibéria é a proeza vertical das suas parcialidades e que Portugal é, em infrangível soberania, a plenitude do apetite de nacionalidade que a cada uma delas inflama».⁷ O problema é visto já desde a Europa: «O próprio emparceirar de Portugal e Espanha na Europa Comunitária recomenda que as duas nacionalidades se concertem em íntima solidariedade cultural».⁸

O caso da Península Ibérica não é único: aí estão, por exemplo, as nações do antigo impero Austro-Húngaro e o conceito da *Mittleuropa*, ou as nações escandinavas. E, já ideais do século XIX, noções como o latinismo ou o paneslavismo. Isto é, há linguas e culturas nacionais que têm um laço especial de história e cultura com outras nações. Arturo Casas, e não é o único, aplicou o conceito de «comunidades literárias» de Dionýz Durisin, que serve para aludir a literaturas que só podem ser explicadas a partir do contacto entre elas, à «comunidade interliterária ibérica».⁹ Indo

⁵. Gabriel Magalhães, «El misterio portugués», in *La Vanguardia. Suplemento Culturas*, 379 (23-IX-2009), p. 4.

⁶. Para o iberismo em geral, veja-se José Antonio Rocamora, *El nacionalismo ibérico (1792-1936)*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1994. Para o iberismo português e as suas relações com a identidade nacional portuguesa, Fernando Catroga, «Nacionalismo e ecumenismo. A questão ibérica na segunda metade do século XIX», *Cultura, História e Filosofia*, IV (1985), p. 419-463, e Sérgio Campos Matos, «Iberismo e identidade nacional (1851-1910)», *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 14-1 (2006), p. 349-400.

⁷. Natália Correia, *Somos Todos Hispanos*, Lisboa, Edições «O Jornal», 1988, p. 77.

⁸. *Ibidem*, p. 11. Correia fala também sobre as diferentes «regiões» espanholas, isto é as «múltiplas reverberações» da Ibéria (*ibidem*, p. 77). Esse iberismo cultural, mas que não compromete a identidade independente de Portugal, está presente também, por exemplo, em Miguel Torga (veja-se Sara Reis da Silva, *A Identidade Ibérica em Miguel Torga*, Cascais, Principia. Publicações Universitárias e Científicas, 2002).

⁹. Veja-se Arturo Casas, «Problemas de historia comparada: la comunidad interliteraria ibérica», *Interlitteraria*, 5 (2000), p. 56-75.

além, ou ao lado, da literatura, poder-se-ia falar de «espaços de comunidades culturais e nacionais» e, portanto, dum «espaço ibérico de comunidades culturais e nacionais».

Ora bém, parece-me evidente que esses espaços, que podem mudar no tempo mas que têm uma realidade geopolítica forte, são presididos pelo conflito. Quando não há conflito, ou quando ele é uma luta muito desigual, simplesmente uma nação impõe-se sobre as outras. É o caso da França e dos movimentos regionais que nela estão, sem força, actualmente, para impor uma ideia nacional na própria área. Ou então achamos um conceito não linguístico da nação, caso da Suíça. No caso português, o conflito – mais não a tensão – resolveu-se com a independência e com a definição da lusofonia.¹⁰ No caso catalão, o conflito é permanente na luta por uma maior autonomia (ou mesmo pela independência) e tem também os seus mitos nacionais separados da Ibéria.¹¹ Como podemos definir o conflito do espaço comunitário ibérico? Quando falamos da Ibéria, na realidade não estamos a falar dum espaço único, mais sim da projecção de diferentes espaços feitos a partir das culturas nacionais. Num artigo de 1878 publicado na revista *La Renaixença*, Josep Pella i Forgas definiu as duas grandes ideias da Península:

Si volíam embrancant-se en la filosofia històrica, sabríem per quina causa la unió de Portugal ab Espanya no podia llavors, ni may podrà, ésser perdurable. Dins de la Península Ibèrica llúytan ja fa molts siccles duas tendències ben oposadas, com llúytan també en la política de tota Europa, ço és: la tendència de las rasses unitàries, concentradoras, assimiladoras, contra la tendència descentralizadora, libre y autonomista.¹²

Haveria, segundo Pella i Forgas, uma ideia castelhana da Península e uma ideia aragonesa (isto é, catalã, federativa, ou plurinacional) partilhada por Portugal, o qual «s’haguera agermanat ab la ideya aragonesa». A independência portuguesa é assim vista como uma consequência do expansionismo castelhano. Nesse sentido, Portugal e a

¹⁰. Veja-se, por exemplo, José Filipe Pinto, *Estratégias da ou para a Lusofonia? O Futuro da Língua Portuguesa*, Lisboa, Prefácio, 2008. Isto para não falar em pontos de vista muito mais messiânicos da questão como o do Movimento Internacional Lusófono (<http://movimentolusofono.wordpress.com/>).

¹¹. Pela sua história, a cultura catalã tem uma relação especial com a cultura occitânica (veja-se AA.VV, *El somni d’Occitània. Nadala de la Fundació Jaume I*, XXX, Barcelona, Fundació Jaume I, 1996) e mesmo, durante muitos anos, a língua catalã identificou-se com a língua occitânica (veja-se August Rafanell, *La il·lusió occitana*, 2 vol., Barcelona, Quaderns Crema, 2006). As relações entre o espaço occitânico e o espaço ibérico são complexas, às vezes de oposição, mas também complementárias, como demonstra Enric Prat de la Riba quando no seu livro *La nacionalitat catalana* (1906) alarga a Ibéria até ao rio Ródano.

¹². *Apud* Víctor Martínez-Gil, *El naixement de l’iberisme catalanista*, Barcelona, Curial, 1997, p. 34.

Catalunha sempre foram aliados, pelo menos desde 1640, em que lutaram juntos contra a Monarquia Hispânica.¹³

Falar em conflito é um assunto delicado. Mas a minha ideia é que o conflito não anula a identidade comum. Em primeiro lugar, porque o conflito pressupõe um contacto histórico, geográfico, cultural e económico sobre o que esse conflito é projectado. Em segundo lugar, porque o conflito é dilatado no tempo, e isso quer dizer que as posições das culturas mudam e, também, que são criados contactos e relacionamentos entre grupos e indivíduos afins, mesmo quando eles não são afins mas podem ter interesses em comum. Por exemplo, Miguel de Unamuno, o grande amigo de Portugal, no fundo acarinhava a ideia de que os portugueses chegassem a escrever de novo em castelhano, como comprovou António Ferro numa entrevista que lhe fez para o *Diário de Notícias* em 1930.¹⁴ Ao mesmo tempo, é um dos grandes veladores da literatura portuguesa: dota-a de projecção no espaço hispânico e, também, participa dela e nela. Ao lado do conflito, há a colaboração, e sem Unamuno não é possível compreender parte da literatura portuguesa. E isso é geral nas culturas da Península Ibérica a um nível estrutural. Ignorá-lo quer dizer não perceber a própria identidade, ou pelo menos aspectos essenciais da própria identidade.

O nacionalismo essencialista da «Renascença Portuguesa» e do catalanismo

Em 1911, Teixeira de Pascoaes ficou encarregado de redigir um manifesto com os intuitos da «Renascença Portuguesa», então ainda chamada «Renascença Lusitana». O manifesto publicou-se em Fevereiro de 1911, e continha este claro resumo:

Estas palavras, como já fica dito, têm por fim mostrar ao povo português qual a ideia que inspira a *Renascença Lusitana*. Essa ideia, repetimos, é *reintegrar a alma da nossa Raça na sua pureza essencial, revelar o que ela é na sua intimidade e natureza originária, para que tome conta de si própria, e se torne activa e criadora, e realize, enfim, o seu destino civilizador*.¹⁵

¹³. Sobre este tema, veja-se M. Àngels Pérez Samper, *Catalunya i Portugal el 1640*, Barcelona, Curial, 1992.

¹⁴. Veja-se Julio García Morejón, *Unamuno y Portugal*, Madrid, Editorial Gredos, 1971, p. 365-367.

¹⁵. Teixeira de Pascoaes, *Ao Povo Português. A «Renascença Lusitana»*, in *A Saudade e o Saudosismo*, edição de Pinharanda Gomes, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, p. 32.

Temos aqui formulado, nos seus termos mais puros, um programa nacionalista típico da Europa de princípios do século XX. Hobsbawm diferenciou duas etapas nos nacionalismos europeus: o nacionalismo do umbral e um nacionalismo mais essencialista.¹⁶ No primeiro, que deu como resultado a criação de Estados como a Itália, procurava-se a constituição de entidades nacionais grandes, com uma forte base territorial e histórica, mais do que étnica ou linguística. É claro que nem todos os nacionalismos foram assim, mas é a doutrina geral do nacionalismo nessa altura que coloca o princípio da viabilidade territorial como a base do direito para criar novas nações. No fundo, o iberismo do século XIX foi um nacionalismo do umbral, ainda que, por causa das diferentes conceições da Península, fracassado.¹⁷ O segundo tipo, surgido depois da guerra franco-prussiana, admitia a língua e a raça como elementos suficientes para proclamar uma nação e um Estado. Pode-se considerar o nacionalismo da «Renascença Portuguesa» como pertencente a este segundo grupo com a diferença de que no caso português o problema não era a criação dum Estado, mas sim a sua viabilidade e permanência. Depois do Ultimatum inglês, o sentido da decadência de Portugal, que a literatura refelectiu, fez-se cada vez mais forte até desembocar no regicídio e na República.¹⁸ No fundo, a «Renascença Portuguesa», com o seu Saudosismo, queria dotar a jovem República de mecanismos nacionais fortes, não meramente económicos num sentido modernizador. Eis o que diz o mesmo Pascoaes: «Eu afirmo que existe uma *alma lusitana*. [...] Definida ela, está, *ipso facto*, traçado o caminho que deve conduzir Portugal à conquista do Futuro; e estabelecido fica o critério superior e filosófico, a que se deve subordinar a obra social e política que a República tem de realizar para garantir a sua existência e a da própria nacionalidade».¹⁹ Trata-se dum adaptação das teorias antipositivistas e irracionistas ao discurso nacionalista na qual o equilíbrio entre universalismo e nacionalismo e entre modernidade e tradição é precário em favor dos segundos elementos a pesar do interesse num compromisso.²⁰ Segundo Pascoaes, existiria uma alma nacional que ficou desvirtuada pelo tempo. O povo é um elemento criador dessa alma, mas ela ficou esquecida da acção pública. A

¹⁶. Veja-se Eric J. Hobsbawm, *Nations and Nationalism Since 1780: Programme, Myth, Reality*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

¹⁷. Assim o chamou José Antonio Rocamora em «Un nacionalismo fracasado: el iberismo», *Espacio, Tiempo y Forma*, 2 (1989), p. 29-56.

¹⁸. Veja-se Maria Teresa Pinto Coelho, *Apocalipse e regeneração: o Ultimatum e a mitologia da Pátria na literatura finissecular*, Lisboa, Edições Cosmos, 1996.

¹⁹. Teixeira de Pascoaes, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, in *A Saudade e o Saudosismo*, op. cit., p. 45.

²⁰. Veja-se Fernando Guimarães, *Poética do Saudosismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, p. 8-10.

função do intelectual, do poeta, é voltar à origem e à pureza da alma nacional: «Logo que a alma portuguesa se encontre a si própria, reaverá as antigas energias e realizará a sua civilização».²¹

Também o nacionalismo catalão seguiu um caminho parecido. Em 1900, o poeta Joan Maragall publicou o livro *Visions & Cants*, onde poetizava lendas catalãs com a mesma intenção de reencontrar a alma nacional, como escreveu ao seu amigo Felip Pedrell: «Me hice la ilusión de que dentro de estas visiones, de su conjunto, se podría encontrar algo de las madres del alma catalana y de su evolución».²² E, em 1904, publicou o artigo «Alma catalana»:

El alma de un pueblo es el alma universal que brota al través de un suelo. El alma catalana es pirenaica-mediterranea: los adustos Pirineos descienden en pétreo oleaje apaciguándose a medida que se aproximan al dulce mar latino, de claro horizonte: en el horizonte del mar hay las claridades de Italia, de Grecia. El alma catalana es adusta y clara.²³

A partir da paisagem cria-se um sentimento, e portanto uma alma. Como para o Saudosismo: «É na região de Entre-Douro-e-Minho, que o Portugal de terra se mostra em alto e nítido relevo. É ali, portanto, que devemos estudar a Paisagem, como fonte psíquica da Raça».²⁴ A clareza mediterrânica da alma catalã, segundo a definição de Maragall, não se corresponde muito com as brumas saudosistas. No entanto, vamos ver que isso não será um problema para pôr em contacto os dois nacionalismos.

Duas palavras mágicas: saudade e enyorança

Se a alma lusitana existe, o problema é definí-la. Pascoaes identificou o sentido racial com o sentido espiritual, um sentido que era unicamente português e que, portanto

²¹.Teixeira de Pascoaes, *Ao Povo Português. A «Renascença Lusitana»*, in *A Saudade e o Saudosismo*, op. cit., p. 31.

²². Joan Maragall, *Obres Completes II. Obra castellana*, Barcelona, Editorial Selecta, 1981, 922.

²³. *Ibidem*, p. 681. O uso da «alma nacional» está presente também na literatura espanhola. Maragall publicou o seu artigo na revista de Madrid *Alma española* (1903-1904) e, livro que Maragall comentou, José Martínez Ruiz, Azorín, publicou *El alma castellana* em 1900. A «Renascença Portuguesa», portanto, participa da evolução regeneracionista dos nacionalismos peninsulares de princípios do século XX.

²⁴. Teixeira de Pascoaes, *Arte de ser Português*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1991, p. 53. Também a relação da lenda com a alma da nação é um ponto de união entre Pascoaes e Maragall: «E vê-se que na Legenda existe, em mais verdade, o génio de um Povo, que na História» (*ibidem*, p. 41).

teria uma palavra *ad hoc*: «Há ainda nos portugueses um sentimento que é só deles e que só poderia ser originado pela combinação harmónica dos dois antigos ramos étnicos a que aludi [...], o qual tomou na nossa língua uma forma verbal sem equivalente nas outras línguas. Refiro-me à *Saudade*. [...] O Povo português criou a Saudade, porque é a única síntese perfeita do sangue ariano e do semita».²⁵ A saudade é pois um sentimento que provem duma fusão racial perfeita: «Consideramos a Saudade um sentimento-síntese, um sentimento-símbolo, resultante da fusão harmoniosa dos dois princípios do Universo e da Vida que, desde a Origem, se degladiam: Espírito e Matéria, Desejo e Lembrança, Dor e Alegria, Treva e Luz, Vida e Morte».²⁶ A saudade é uma porta aberta para um futuro de restauração patriótica e filosófica, é «um estado de alma latente que amanhã será Consciência e Civilização Lusitana. Eis a nossa tristeza: o seu espírito são e divino».²⁷

Ainda que relacionadas, duas são as polémicas que afectam a palavra: o seu significado e se ela exprimiria ou não um sentimento só português, sendo portanto intraduzível. Quanto ao significado, António Sérgio tentou opor-se a Teixeira de Pascoaes: «muito bem a definiram Garrett e D. Francisco Manuel em termos de sentimento» e portanto «foi maravilha de espantar que Duarte Nunes e Pascoaes se lembrassem de a definir em termos de vontade e representação», o que corresponderia a «um rude factio geral de toda a animalidade».²⁸ No entanto, a definição de Duarte Nunes («lembrança de alguma cousa com desejo dela») é no fundo a que aparece nos dicionários mais completos: «Lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhadas do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las».²⁹ Quanto à sua exclusividade e intraduzibilidade, essa crença também já vem do passado. Dom Duarte, no século XV, já declarava: «E porém me parece este nome de suidade, tão próprio, que o latim nem outra linguagem que eu saiba não é para tal sentido semelhante».³⁰ Também Duarte Nunes, na sua *Origem da Língua Portuguesa*

²⁵. Teixeira de Pascoaes, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, in *A Saudade e o Saudosismo*, op. cit., p. 31, p. 46-47.

²⁶. Teixeira de Pascoaes, *Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio*, in *ibidem*, p. 105.

²⁷. Teixeira de Pascoaes, «[Unamuno e Portugal]», in *ibidem*, p. 25.

²⁸. António Sérgio, *Epístolas aos Saudosistas*, in Teixeira de Pascoaes, *A Saudade e o Saudosismo*, op. cit., p. 98. Fèlix Cucurull tratou destes temas em *Consideracions entorn de la «saudade»*, no seu livro *Dos pobles ibèrics*, Barcelona, Editorial Selecta, 1967, p. 113-170. Existe versão portuguesa do livro: *Portugal e Catalunha*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1975.

²⁹. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999³, p. 1822, s.v. *saudade*.

³⁰. Dom Duarte, *Leal Conselheiro*, cap. XXV, in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (eds.), *Filosofia da Saudade*, Vila da Maia, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986, p. 14.

(1606), declarou-a intraduzível, pois o *desiderium* latino não era capaz de conter a sua complexidade, e ligou-a aos portugueses, «que naturalmente são maivosos e afeiçoados», e, portanto, «não há língua em que da mesma maneria se possa explicar».³¹ E Manuel de Melo, que fala «desta generosa paixão, a quem somente nós sabemos o nome, chamando-lhe saudade», acredita que os portugueses sentem a saudade mais do que os outros povos, porque ela nasce do amor (temperamental neles) e da ausência (causada pelas dilatadas viagens).³² Mesmo Garrett, na segunda edição do seu *Camões*, de 1839, ainda que reconhecendo que o sentimento por ela expresso «em todos os países o sentem», não deixa de considerar o vocábulo único: «mas que haja vocábulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa».³³

A ideia de um desejo de restauração é o que parece diferenciar a saudade da melancolia (tristeza pelo bem perdido) e mesmo da nostalgia, ainda que esta possa ter também o sentido volitivo (em português e nas outras línguas românicas, pelo que nos dicionários *saudade* e *nostalgia* podem aparecer como sinónimos). Na verdade, se a palavra saudade é tão especial é porque nela concorrem duas características: uma forma linguística singular produto da evolução do *solitudo* latino e, em palavras de Carolina Michaëlis de Vasconcelos do ano 1914, «a impotência e frequência da saudade na língua portuguesa» e «o *quid*, o não-sei-quê, de misterioso que lhe adere».³⁴ Com efeito, é esse *quid* cultural, isto é, o papel que a palavra teve na literatura e no pensamento português, o que singulariza a saudade, sem que isso queira dizer que noutras línguas não haja operações culturais parecidas. No século XVI, a palavra castelhana *soledad*, segundo o crítico e escritor catalão Carles Riba, «es toca ambigüament amb el concepte de nostàlgia» e a potência lírica da *saudade* de Camões ou de Frei Agostinho da Cruz está presente na «“*soledad sonora*” del més alt dels místics, en les “*soledades*” de l’ànima massa violenta de Lope de Vega o de l’hermètic irreal atzur de Góngora».³⁵ A saudade, como a *soledad* dos místicos, acabou de adquirir o seu sentido graças ao salto que fez para o divino, pois, como escreveu Manuel de Melo, «apetecemos

³¹. In *ibidem*, p. 18.

³². In *ibidem*, p. 19.

³³. Cito da edição de Teresa Sousa de Almeida, *Camões de Almeida Garret*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1986, p. 197.

³⁴. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *A Saudade Portuguesa*, in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (eds.), *Filosofia da Saudade*, *op. cit.*, p. 145.

³⁵. Carles Riba, *Horaci en les literatures ibèriques*, texto do ano 1935, agora in *Obres Completes III. Crítica 2*, edição de Enric Sullà e Jaume Medina, Barcelona, Edicions 62, 1986, p. 125.

espiritualmente o que não havemos visto jamais».³⁶ Só que não é o mesmo ter uma palavra vulgar como *soledad*, que expressa també o facto de estar sozinho, e uma palavra foneticamente singular como *saudade*. Por outro lado, o Sebastianismo e o messianismo português, expressão do desejo de readquirir e manter a independência nacional depois de 1580, forneceu o fundo cultural para dotar a palavra de um sentido, não só místico e religioso, mas ao mesmo tempo nacional, como recolheu Teixeira de Pascoaes: «E a saudade, com a sua face de desejo e esperança, é já a sombra do Encoberto amanhecida, dissipando o nevoeiro da legendária manhã».³⁷

Ora bem, em catalão existe também uma palavra singular, com uma evolução fonética própria, neste caso do latim *ignorare*, relacionada com o campo semântico da saudade, uma palavra que tem diferentes formas: *enyorança*, *enyorament*, *enyor*; e que deu nascimento a um verbo: *enyorar* na forma transitiva e *enyorar-se* na pronominal. É uma palavra medieval, que já encontramos em Ramon Llull, o criador do catalão literário. No seu tratado místico *Amic e amat* aparece com o significado de desejar a presença ou posse de alguma coisa, com tristeza pela sua ausência: «Enyorava l'amic son amat», e também a encontramos em Ramon Muntaner, Bernat Metge, Ausiàs March, etc.³⁸ A palavra, grafada muitas vezes com -a inicial na época contemporânea, teve um grande uso também no Romantismo e na Renaixença, o movimento de recuperação da língua escrita catalã no século XIX, e foi a partir de aqui que passou ao castelhano. Aribau, na sua célebre oda *A la Pàtria* (1833), deu-lhe um sentido nacional que foi depois muito comum: «Muir, muir l'ingrat que, al sonar en sos llavis / per estranya regió l'accent natiu, no plora, / que, al pensar en sos llars, no es consum ni s'enyora, / ni cull del mur sagrat la lira dels seus avis».³⁹ Milà i Fontanals, como lembrou António Sérgio na sua polémica com Pascoaes, relacionou a palavra saudade com *enyorança*, e, estamos em 1877, criticou o abuso que da primeira faziam os portugueses: «Los Portugueses tienen la palabra *saudades* (*soledades* cast.; *anyoransa*, *anyorament* junto con *anyorar* y *anyorarse*, cat.; en ciertos casos *regret* fr.; y *desiderium* lat.) De esta palabra han usado y abusado los poetas portugueses modernos.

³⁶. D. Francisco Manuel de Melo, [*Da Saudade*], in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (eds.), *Filosofia da Saudade*, op. cit., p. 20.

³⁷. Teixeira de Pascoaes, *Arte de ser Português*, op. cit., p. 119.

³⁸. Veja-se Joan Coromines, *Diccionari etimològic i complementari de la llengua catalana*, vol. III, Barcelona, Curial, p. 411, s.v. *enyorar*. Os dicionários catalães limitam-se a definí-la como a dor pela ausência de alguém ou de alguma coisa, mas é evidente que contém também o desejo de recuperá-la.

³⁹. In Antonia Tayadella, *Els cent-cinquanta anys de la Renaixença. Edició commemorativa de la publicació de La Pàtria de Bonaventura Carles Aribau*, Barcelona, Departament de Cultura de la Generalitat de Catalunya, 1983, p. 30.

La forma GALLEGA *soidade* se halla ya en el rey Deniz».⁴⁰ Em 1884, o maior poeta catalão do século XIX, Jacint Verdaguer, declarou a palavra só catalã no poema *Enyorança*, o qual principiava: «Sabésseu lo català, / sabríeu què és enyorança, / la malaltia dels cors / trasplantats a terra estranya». Só sabendo o catalão, portanto, é possível compreender essa doença da *enyorança*, que Verdaguer relaciona com o sentimento dos que estão longe da pátria. E continua: «aqueix mal que sols té nom / en nostra llengua estimada».⁴¹ É evidente que o destino havia de trazer o encontro da saudade e da *enyorança*.

Lusocatalanismo e iberismo na «Renascença Portuguesa»

Em 1905, Miguel de Unamuno enviou a Teixeira de Pascoaes *La vida de don Quijote y Sancho*, livro que suscitou a admiração do português. Pascoaes, nos primeiros anos, refere-se a Unamuno como simplesmente espanhol, como lemos em 1907: «Muito obrigado pela sua hespanhola e christã generosidade».⁴² Em 1908, já encontramos uma primeira declaração iberista de Pascoaes: «Tenciono publicar brevemente em Portugal um artigo sobre o Ideal Ibérico moderno, que na Hespanha é a resurreição de Dom Quixote feita pela sua penna genial; em Portugal a synthese de Jesus e Pan, como revelação do genuino, mas nunca lembrado, sentimento religioso da raça lusitana».⁴³ E, na carta seguinte, acrescenta: «D. Quixote e Jesus e Pan são parentes muito próximos, talvez irmãos; oxalá que elles venham ainda a governar a Terra e que a Dynastia Saxónia de Traficantes cáia para sempre!».⁴⁴ Existe, portanto, uma extensão iberista do Saudosismo que aparece ao mesmo tempo que ele se vai formulando na mente de Pascoaes. É muito interessante, para o meu propósito, ver a evolução desse tema no epistolário com Unamuno. Depois de 1908, só aparece uma nova referência aos dois princípios ibéricos, mas de um modo geral, em 1914: apregoar a saudade «é

⁴⁰. In António Sérgio, *Epístolas aos Saudosistas*, in Teixeira de Pascoaes, *A Saudade e o Saudosismo*, op. cit., p. 102.

⁴¹. In Jacint Verdaguer, *Obres Completes*, Barcelona, Editorial Selecta, 1974, p. 419.

⁴². José Bento (ed.), *Epistolário Ibérico. Cartas de Pascoaes e Unamuno*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1986, carta IV (21-1907), p. 26.

⁴³. *Ibidem*, carta VII, p. 30.

⁴⁴. José Bento (ed.), *Epistolário Ibérico. Cartas de Pascoaes e Unamuno*, op. cit., carta VIII (Outubro 1908), p. 31. Veja-se, sobre estas cartas, Víctor Martínez-Gil, *A Ideia Iberista na Geração do «Orpheu»*, in Maria Luisa Cusati (ed.), *Congresso Internazionale. Il Portogallo e i mari: un incontro tra culture (Napoli, 15-17 dicembre 1994)*, Nápoles, Liguori Editore, 1997, p. 119-137

quixotesco». ⁴⁵ Encontramos mesmo alguns receios perante a Espanha. Pascoaes compara Unamuno com Cervantes e escreve no dia 5 de Fevereiro de 1918: «Se houvesse muitos escriptores na Hespanha com idênticas qualidades, seria tal cousa um perigo para a nossa Independência! felizmente para Portugal –Nacionalidade– há dois apenas». ⁴⁶ Mas, num billhete postal datado em Barcelona, resplandece a Ibéria: «D’ aqui felicito e abraço o querido Amigo e o eminente Escriitor, gloria imortal da Iberia». ⁴⁷ E, a partir de aqui, Unamuno é o «maior espirito da Ibéria», além das referências à «alma ibérica» e à «nossa raça», sendo o escritor espanhol «o espirito vivo da Iberia» que «nos mostra ao mundo». ⁴⁸

A evolução do sentimento iberista nas cartas de Pascoaes corresponde-se com a evolução que encontramos no resto da sua obra. Com efeito, depois de 1908, Pascoaes tem um grande interesse em salientar as diferenças com o povo espanhol. Depois de redigir o manifesto da «Renascença Lusitana», ele está empenhado na construção dum nacionalismo essencialista que precisa dum inimigo exterior, neste caso, o tradicional do nacionalismo português. Assim, se o povo português é a síntese perfeita do sangue ariano e do semita, no povo espanhol, escreve Pascoaes em 1912, domina o segundo, «que o tornou ferozmente espiritualista, violento e dramático». ⁴⁹ Chega mesmo ao irredentismo anticastelhano: «a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela. A Galiza é a nossa Alsácia!». ⁵⁰ A referência à Alsácia vem aqui a calhar, pois foi no clima que antecede a Grande Guerra que o iberismo se tornou numa ameaça séria. Com efeito, a República levantou um certo entusiasmo iberista, mas os republicanos portugueses logo viram o perigo de anexação, pois existiu, entre 1910 e 1914, uma conspiração espanhola nesse sentido, e acabaram por acusar aos monárquicos de iberistas. O perigo espanhol foi, afinal, uma das motivações de Portugal para entrar no conflito mundial. ⁵¹ Portanto, Pascoaes reage contra os laivos de iberismo, e isso é uma defesa tanto da República quanto de Portugal. O mito de Dom Quixote não vai ser esquecido (está presente, por exemplo, no *Marânus*), mas também escreverá, em 1914,

⁴⁵. *Ibidem*, carta XXII (28-IV-1914), p. 46.

⁴⁶. *Ibidem*, carta XXIV, 49.

⁴⁷. *Ibidem*, carta XXV (Junho 1918), p. 51.

⁴⁸. In *ibidem*, respectivamente, carta XXVIII (27-V-1934), p. 55, carta XXIX (4-VI-1934), p. 56, e carta XXX (9-VI-1934), p. 57.

⁴⁹. Teixeira de Pascoaes, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, in *A Saudade e o Saudosismo*, *op. cit.*, p.47.

⁵⁰. *Ibidem*, p. 51.

⁵¹. Veja-se José Antonio Rocamora, *El nacionalismo ibérico (1792-1936)*, *op. cit.*, p. 146-149, e também Hipólito de la Torre Gómez, *Na Encruzilhada da Grande Guerra. Portugal-Espanha 1913-1919*, Lisboa, Editorial Estampa, 1998.

que os portugueses não o podem perder de vista, porque «a sua lança pode voltar-se contra nós», e que há duas almas, a portuguesa e a castelhana, sendo a primeira «*saudade de Deus*» e a segunda quixotesca «*incerteza de Deus*», dois Pensamentos que «hão-de lutar pelo predomínio».⁵² Na *Arte de ser Português* (de 1915, mas cito uma versão que inclui acrescentos de 1920) Pascoaes é militantemente anticastelhano: «Portugal resiste, há oito séculos, ao poder absorvente de Castela»,⁵³ e as Descobertas não foram peninsulares, senão portuguesas.⁵⁴ Portugal surge do fundo ibérico, mais alcança a própria perfeição pela fusão perfeita das raças que vão dar origem à nacionalidade. E, quando fala de D. Quixote, chega mesmo a considerá-lo galego (de facto, os apelidos de Cervantes são galegos, e os avós maternos eram, segundo parece, galegos): «Na verdade, Dom Quixote, no seu divino criador, Miguel Cervantes, participa da alma galega, nossa irmã nos velhos celtas. Daí o seu valor peninsular. A Saudade não é estranha a Dom Quixote, e Cervantes adorou Camões».⁵⁵ Se há restos de peninsularismo, eles são apenas ecos dum imperialismo lusitano (lembremos o *predomínio* em que fala em 1914).

Não tenho dúvidas de que essa nova força do lusitanismo anticastelhano de Pascoaes provem dos contactos com o catalanismo. Em 1905, o poeta Joan Maragall tinha dado forma a um novo iberismo apenas insinuado antes. Maragall estabeleceu a ideia de três grandes nações peninsulares: a Atlântica, a Castelhana e a Mediterrânica. Isto é: Galiza-Portugal (e esta união ideal é prévia às declarações no mesmo sentido de Pascoaes em 1912), Castela com as terras castelhanizadas e as terras onde é falado o catalão.⁵⁶ E fez mais, pois reactualizou o tópico, que já vinha dos séculos XVI-XVII, dos portugueses e dos catalães como os dois grandes povos marítimos da Península, e aqui enveredou pelo caminho das semelhanças linguísticas e fonéticas: «Uns i altres tenim els dos grans camins del món per a Espanya, i els dos llenguatges tenen una profunda semblança de dolcesa, amb la varietat que naix de la varietat de les clares ones del Mediterrani per un costat i de les més obscures i dilatades de l'Atlàntic per l'altre».⁵⁷

⁵². Respectivamente, in *A Era Lusíada e O Ideal e a Obra da Renascença Portuguesa*, in *A Saudade e o Saudosismo*, op. cit., p. 157 e 169.

⁵³. Teixeira de Pascoaes, *Arte de ser Português*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1991, p. 58.

⁵⁴. *Ibidem*, p. 19.

⁵⁵. *Ibidem*, p. 71.

⁵⁶. Joan Maragall, *Pròleg al llibre catalano-portuguès d'en Ribera i Rovira*, in *Obres Completes. I. Obra catalana*, Barcelona, Editorial Selecta, 1981, p. 827-830.

⁵⁷. *Ibidem*, p. 828. É o prólogo ao livro, com traduções de poetas portugueses, *Poesia & Prosa* (Vilanova i la Geltrú, Oliva impressor, 1905) de Ignasi de L. Ribera i Rovira. Sobre o novo iberismo catalanista, e sobre Ribera i Rovira, veja-se o já citado Víctor Martínez-Gil, *El naixement de l'iberisme catalanista*, e

La *dolcesa*, isto é, a meiguice, relacionaria os dois povos. É o impulso para unir a saudade e a *enyorança*. No ano seguinte, em 1906, o poeta maiorquino Costa i Llobera escreverá: «L'ànima dels qui saben dir *anyorança* y la dels qui saben dir *saudade* són fetes per a poder-se entendre y estimar, a través de l'àrida separació».⁵⁸

Faltava, no entanto, o elo para poder receber essas ideias em Portugal. E o elo foi o catalão Ignasi de L. Ribera i Rovira, que desde 1900, ano em que foi viver a Portugal por causa do trabalho do seu pai, tinha desenvolvido uma obra importantíssima de lusitanista, com artigos nos mais diversos jornais (entre os portugueses, *O Século* e *Diário de Notícias*) e com conferências e livros como *Portugal artístico* (1905) e *Portugal literari* (1912). Ribera i Rovira converteu-se num dos grandes defensores da nova doutrina e em 1907 publicou o livro *Iberisme*, com prólogo de Teófilo Braga. Nesse ano viajou a Portugal para tratar da participação portuguesa numa mostra internacional de arte em Barcelona, e ali proferiu três conferências. Ribera i Rovira foi correspondente da revista *A Águia* desde Setembro de 1912 até Julho de 1919, e viu editadas duas das suas três conferências pela «Renascença Portuguesa»: *A Educação dos povos peninsulares* em 1912 e *O Génio peninsular* em 1914.⁵⁹

Em 1913, no seu livro *Atlàntiques*, Ribera i Rovira inventou um movimento novo, o *Anyorantisme*, versão catalã do Saudosismo. No prólogo, estabeleceu a similitude entre os povos português e catalão a partir das duas palavras:

Entre tots els pobles de la terra, solament el poble català pot sentir i commoure-s amb la *saudade* portuguesa, perquè ·ls catalans tenim l'*anyorament*, que es també, com la *saudade*, el geni de la raça, la flor meravellosa d'un estat subtilíssim de civilització, la forma expressiva, encara avui, dels nostres sentiments i de les nostres esperances. Per això ·ls dos pobles de més íntima germanor entre les gents llatines son el poble de Portugal i el poble de Catalunya, embolcallats dolçament per la mutual simpatia que s'envola de l'*anyorament* i de la *saudade*.⁶⁰

Eduardo Mayone Dias, «Um lusitanista catalão: Ribera i Rovira», *Colóquio / Letras*, 27 (Setembro de 1975), p. 62-67.

⁵⁸. Miquel Costa i Llobera, «Pro Lusitania». *Mitjorn*, 3 (III-1906), p. 67.

⁵⁹. Há informações sobre o tema, e também sobre a influência de Ribera i Rovira no galeguismo de Pascoaes, em Thomas Harrington, *Álvaro Cunqueiro, Pascoaes y la Editorial Apolo de Barcelona*, in Jordi Cerdà, Víctor Martínez-Gil e Rexina R. Vega (eds.), *Álvaro Cunqueiro e as amizades catalanas. Actas*, Sada – A Coruña, Edicions do Castro, 2003, p. 165-183. Uma resenção muito breve d'*O Génio peninsular* apareceu na revista *A Águia*, 36, 2ª série (Dezembro de 1914), p. 190. Na resenção fala-se «da alma catalã, tão gemea da nossa».

⁶⁰. Ribera i Rovira, *Atlàntiques*, Barcelona, Biblioteca popular de L'Avenç, 1913, p. 21. Na conferência *O Génio peninsular* o *anyorament* da liberdade perdida define o povo catalão. A mesma ideia foi defendida depois por Fèlix Cucurull em «*Saudade*» i *enyorança*, in *Dos pobles ibèrics*, op. cit., p. 147-152.

Ribera i Rovira recolheu as teorias saudosistas e aplicou-as à cultura catalã: procurou as palavras intraduzíveis da língua, defendeu a mistura de paganismo e de cristianismo no povo catalão, encontrou nos poemas de Maragall (e em outros autores como Ausiàs March) o sentimento saudoso, propugnou a criação duma nova democracia religiosa e rural, etc. Em Julho de 1912, Ribera i Rovira escreveu a Raúl Proença para lhe pedir conselhos sobre o livro, e *Atlàntiques* serviu para que Pascoaes dedicasse a Ribera i Rovira a sua conferência *O Génio Português na sua expressão filosófica, poética e religiosa* (1913), onde escreveu sobre o prólogo do livro:

Estas palavras causaram-me alegria, pois vieram fortalecer a minha crença de que o povo catalão é irmão do português. Um trecho que eu li de Maragall tinha-me feito pressentir o parentesco que tão intimamente prende os dois belos Povos da Ibéria.⁶¹

Ribera i Rovira agradeceu as palavras numa carta e insistiu sobre a ideia da irmandade entre os dois povos, isto é, sobre a «íntima ligação psíquica dos dois temperamentos, o catalão e o português, que na mais alta manifestação estética –a Poesia– se irmanam maravilhosamente» e isto «realmente, há de ser para todos nós um motivo de júbilo e crença no Futuro que está reservado aos dois Povos».⁶² Na verdade, foi a «Renascença Portuguesa» toda que acolheu o ideal luso-catalão. O livro *Atlàntiques* foi comentado no número de Maio d’*A Águia* e ali se afirmou que os dois povos tinham «um alto destino civilizador».⁶³ No fundo, não era tão fácil identificar peninsularismo, e mesmo iberismo, com monarquismo, e Portugal temia o acordo de repartição das colónias portuguesas que a Grã-Bretanha teria alcançado com a Alemanha.⁶⁴ Em 1913, Portugal debatia-se entre o medo a anexação e estabelecer um pacto com a Espanha. Não era, o lusocatalanismo, um modo de equilibrar o peso castelhano para permeter um

⁶¹. Teixeira de Pascoaes, *O Génio Português na sua expressão filosófica, poética e religiosa*, in *A Saudade e o Saudosismo*, op. cit., p. 85-86, nota 16. Um trecho da conferência apareceu já dedicado a Ribera i Rovira na revista *A Águia* («Saudade e Simbolismo», *A Águia*, 16, 2ª série, Abril de 1913, p. 113-114). Sobre esta conferência, e em particular sobre a recepção de Pascoaes na cultura catalã, veja-se Jordi Cerdà Subirachs, *Teixeira de Pascoaes i el Saudosismo a Catalunya (1907-1917)*, in AA.VV., *Professor Basilio Losada: ensinar a pensar con liberdade e risco*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 2000, p. 280-285.

⁶². Carta do epistolário de Teixeira de Pascoaes (D3/3281) de que há cópia na Biblioteca Nacional de Portugal em Lisboa.

⁶³. In *A Águia*, 17, 2ª série (Maio de 1913), p. 175. É de salientar nesse sentido o livro *À Catalunha (Vozes de Portugal)* de Augusto Casimiro, publicado em 1914 com tradução para o catalão de Ribera i Rovira pela «Renascença Portuguesa» (veja-se Víctor Martínez-Gil, *Um poema de Augusto Casimiro sobre a Catalunha*, in AA.VV., *Em Louvor da Linguagem. Homenagem a Maria Leonor Carvalhão Buescu*, Lisboa, Edições Colibri, 2003, p. 245-257).

⁶⁴. Veja-se Nuno Severiano Teixeira, *Entre Africa y Europa: la política exterior portuguesa 1890-1986*, in António Costa Pinto (coord.), *Portugal contemporâneo*, Madrid, Sequitur, 2000, p. 64-70.

pacto não iberista e menos perigoso? Quando, entre outros exemplos, António Sérgio objetou a Teixeira de Pascoaes que havia outros povos que tinham palavras equivalentes à saudade, como os catalães e a sua *anyoransa*, Pascoaes pôde escrever que Ribera i Rovira «afirma que *Anyorança* é a única tradução que existe de Saudade, e que este sentimento só é próprio de catalães e portugueses. Exclui, portanto, os outros povos. Não falo na Galiza, porque a Galiza é ainda Portugal». ⁶⁵ O lusocatalanismo faz com que portugueses e catalães sejam, no fundo, como um só povo. É a actualização da «ideia aragonesa» da Península, só que restringida à solidariedade política, nacional e cultural luso-catalã.

Mas o iberismo de Pascoaes vai reaparecer, com todas as letras, em 1918, como vimos no epistolário com Unamuno. Para explicar o facto é preciso não esquecer que o bilhete postal é datado em Barcelona. Pascoaes viajou à Catalunha graças a Eugeni d'Ors, que o convidou para proferir umas conferências que estarão na base d'*Os Poetas Lusíadas* (1919). Na verdade, Pascoaes entrou em contacto com diferentes grupos e tendências da intelectualidade catalã: com o republicanismo catalanista de Ribera i Rovira (o interês pelo Saudosismo do catalão tinha muito a ver com o desejo de procurar alicerces culturais para essa corrente política) e, em 1918, com os catalanistas conservadores que tinham o controlo da Mancomunitat de Catalunya, o governo autónomo da altura (Eugeni d'Ors e os chamados *noucentistes*, contacto que depois, a través de Joan Estelrich, vai resultar na colaboração de Pascoaes e de outros intelectuais portugueses com a Oficina d'Expansió Catalana) e com o círculo de Fernando Maristany, poeta catalão em castelhano com quem se relacionou Ribera i Rovira uma vez fracassado o republicanismo catalanista e com quem Pascoaes manteve uma grande amizade. ⁶⁶

É, portanto, depois de ter entrado em contacto directo com o catalanismo que Pascoaes vai retomar com força o tema do Quixotismo e do iberismo. A Catalunha é uma realidade forte que pode proteger da anexação espanhola. Na Península existem dois grandes movimentos espirituais que podem ir juntos, como formula Pascoaes em 1919:

⁶⁵. Teixeira de Pascoaes, *Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio*, in *A Saudade e o Saudosismo* *op. cit.*, p 108. Pascoaes não admeterá o mesmo sentimento em outros povos, que António Sérgio não será o único a argumentar.

⁶⁶. Veja-se Antonio Sáez Delgado, *La lírica espiritualista de Fernando Maristany y el Saudosismo de Teixeira de Pascoaes*, in Angel Marcos de Dios (coord.), *Aula ibérica: Actas de los congresos de Évora y Salamanca*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2007, p. 43-52. E também Thomas Harrington, «El cercle Maristany i la interpretació dels sistemes literaris de la Península Ibèrica, Europa i Amèrica», *Revista de Catalunya*, 175 (Julho-Agosto de 2002), p. 107-127.

Entre a Saudade e D. Quixote, como se vê, há um parentesco estreito. E nesse parentesco existe a unidade espiritual que liga superiormente as raças nítidas da Ibéria: Castela, Catalunha e Portugal que se revê na Galiza [...] O Portugal de Camões, a Galiza de Rosalia, a Catalunha de Maragall, são os reinos da Saudade, como a fidalga Castela é o reino de D. Quixote.

Mas nas alturas azuis da Ibéria, na Ibéria do Infinito, D. Quixote e a Saudade pairam, como dois anjos tutelares da alma peninsular, a mais poética e original que criou a Terra.⁶⁷

É claro que o iberismo de Pascoaes é –sempre foi– poético, cultural, das «alturas azuis», não político, pois a restauração da independência portuguesa era para ele uma madrugada «sublime e redentora».⁶⁸ Mas não deixa de ser um iberismo de civilização que é formulado a partir da importância equilibradora dos catalães. E aqui haveria muito a falar sobre as expectativas diferentes que pode acordar o iberismo em Portugal e na Catalunha, onde o iberismo é quase uma necessidade política.⁶⁹ No entanto, o iberismo cultural de Pascoaes é firme, e a partir de agora vai poder falar sem receios sobre as relações entre a saudade e Dom Quixote, como no artigo «Saudade y quijotismo», publicado no jornal *La Vanguardia* no dia 18 de Julho de 1920, e, depois, na conferência de 1923 na Residencia de Estudiantes em Madrid.⁷⁰

A Ibéria e a Europa: algumas conclusões

A pesar de ser um iberista apenas cultural, são claros os receios que Pascoaes tem em relação à Espanha. É um exemplo das duas direcções que lutam no pensamento

⁶⁷. Teixeira de Pascoaes, *Os Poetas Lusíadas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, p. 166.

⁶⁸. Apud J. M. de Barros Dias, *Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes. Compromissos Plenos para a Educação dos Povos Peninsulares*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002, p. 244. São palavras do ano 1921. Do livro de Barros Dias, veja-se os capítulos dedicados as terras espanholas na obra de Pascoaes (p. 234-256), ainda que muitas vezes não é levada em conta a diacronia das afirmações de Pascoaes.

⁶⁹. Cabe dizer também que, quanto à definição nacional, o *anyorantisme* levantou dúvidas entre alguns catalães, e que o próprio Pascoaes também traçou algumas diferenças entre catalães e portugueses. N' *Os Poetas Lusíadas*, lemos: «A Catalunha é italiana do norte, como Portugal é moscovita do norte, sul, leste e oeste. Ela cria uma harmonia, uma ordem, uma disciplina, cada vez mais poderosa e constructiva. Nós tendemos trágicamente para o abismo» (*op. cit.*, p. 38).

⁷⁰. Veja-se Antonio Sáez Delgado, *La edad de oro, la época de plata y el esplendor del bronce (1901-1935)*, in AA. VV., *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do século XIX até à actualidade*, Covilhã – Salamanca, UBI – CELYA, 2007, p. 138-140.

identitário português, mesmo quando ele é messianicamente nacionalista. Por um lado, dificilmente pode esquecer a Ibéria, isto é, as origens do reino de Portugal, a situação geoestratégica do país e a vizinhança única que tem com a Espanha. Pelo outro, temos a consciência duma antiga nacionalidade portuguesa que se espalhou pelo mundo fora e que quer perdurar como uma identidade básica completa. Se o iberismo podia ameaçar essa identidade, no século XX muitos portugueses preferiram falar de iberismo cultural. Mesmo ali havia, porém, uma ameaça. A criação dum iberismo catalanista, federador, não de antigos reinos, mas de grandes nações, ofereceu uma nova solução quer para o iberismo cultural, caso de Pascoaes, quer para o iberismo que ainda queria ser político.⁷¹

Em 1907, no prólogo que escreveu para o livro *Iberisme* de Ignasi Ribera i Rovira, Joaquim Casas-Carbó considerou morta a «ideia castelhana» da Península, pois a ela se opunham «la debilitació de l'esperit castellà, la resistència suficient del poble portuguès, l'interès de les dugues dinasties i l'Inglaterra».⁷² Mas se o catalanismo conseguia «una reconstitució de l'Estat espanyol en el sentit del reconeixement de les diverses personalitats nacionals que ell conté» e criar uma nova harmonia na qual vissem em paz «l'ànima castellana i la catalana», então Portugal incorporar-se-ia sem receios numa união ibérica.⁷³ Depois da Guerra Civil Espanhola, esmagada toda cultura e nação que não fosse a castelhana, o escritor catalão Gaziel definiu em *Castella endins* a situação peninsular como um «esguerro», isto é, como uma mutilação permanente e dolorosa, até mesmo repugnante, e fez Castela responsável, pois ela nunca consentiu «que a l'Espanya per ella arranjada, hi pogués haver cap més esperit diferent» e isso criou «la temptació centrífuga» com Portugal como exemplo melhor sucedido.⁷⁴ Em 1962, cinco anos depois do Tratado de Roma que deu lugar à Comunidade Económica Europeia (1957), no ensaio *Enteniment de la Península Ibérica*, Gaziel estabeleceu duas soluções ao problema peninsular: que Castela fosse capaz de assumir um paniberismo plural (isto é, no fundo, que a «ideia aragonesa» fosse também castelhana) ou bem uma

⁷¹ . É esse o caso, por exemplo, de Fernando Pessoa. Veja-se uma análise das suas ideias em Víctor Martínez-Gil, *Introducció a Fernando Pessoa, Escrits sobre Catalunya i Ibèria*, Barcelona, L'Avenç, 2007.

⁷² . Joaquim Casas-Carbó, *Iberisme castellà i iberisme català*, in Ignasi de L. Ribera i Rovira, *Iberisme*, Barcelona, L'Avenç, 1907, p. 9-10.

⁷³ . *Ibidem*, p. 10.

⁷⁴ . Gaziel, *Obres Completes. I. Obra catalana*, Barcelona, Editorial Selecta, 1970, p. 847-848. O livro *Castella endins*, publicado em 1959, é o primeiro da *Trilogia ibèrica*, sendo os outros dois *Portugal enfora* (1960) e *La península inacabada* (1961).

integração europeia respeitosa com a diversidade dos povos. Para os catalães, já aparecia no horizonte a longínqua Europa como uma solução.⁷⁵

Vamos à actualidade. No fundo, a União Europeia alcançou muitos dos intuitos dos antigos iberistas: união económica, alafandegária e mesmo, em parte, política. O iberismo político, a pesar de algumas vozes que sempre aparecem, não faz sentido hoje em dia. A Península é um mercado no qual os seus produtos incorporam o português e o espanhol como línguas regionais desse único espaço. Mas o conflito permanece em alguns aspectos. Como escreveu Enric Juliana, as empresas espanholas «manejan el 20 % del PIB portugués» e, como ele mesmo lembrou, a candidata do PSD, falando sobre o TGV nas eleições legislativas de 2009, declarou que «Portugal não é uma província de Espanha».⁷⁶ Os mesmos receios, ainda que sejam territórios dependentes de Madrid, estão instalados no interior da Espanha. Na concessão dos Jogos Olímpicos para o ano 2016, que finalmente conseguiu o Rio de Janeiro, a sociedade catalã –e não era a primeira vez– foi muito reticente face à candidatura apresentada por Madrid. Vicenç Villatoro escreveu no jornal *Avui*: «Madrid competeix per un lloc al mapa amb Barcelona. Som competència entre nosaltres. Com és competència de Lisboa, en un altre sentit. La idea del gran Madrid opta –amb Jocs Olímpics o sense– a un paper de capitalitat econòmica i estratègica al sud d’Europa que es construeix inevitablement en confrontació amb Barcelona» e chegava à conclusão de que se os Jogos fossem para o Rio seria uma «molt bona notícia».⁷⁷ E, no dia seguinte, como os Jogos já concedidos, David González, no mesmo jornal, escreveu que Madrid «es va estavellar davant l’aposta per l’emergent Brasil de Lula, la Sud-Amèrica que vol ser tan seriosa com

⁷⁵. Veja-se Gaziel, *Enteniment de la Península Ibèrica*, in *Obres Completes, op. cit.*, p. 1089-1107. O ensaio apareceu em 1963, como prólogo à edição em catalão de *Castella endins*. Sobre o autor, cujo nome real era Agustí Calvet i Pascual, veja-se Manuel Llanas, *Gaziel: vida, periodisme i literatura*, Barcelona, Publicacions de l’Abadia de Montserrat, 1998, e *Notes per a una biografia intel·lectual de Gaziel*, in AA.VV., *Gaziel: l’home és el tot (Conferències Any Gaziel 2007)*, Barcelona, Publicacions de l’Abadia de Montserrat, 2009, p. 25-27. Do mesmo Manuel Llanas pode-se consultar também *As vivências portuguesas de Gaziel*, Barcelona, Fundació Catalunya-Portugal, 2002.

⁷⁶. Enric Juliana, «Ferreira Leite en Arenys de Munt», in *La Vanguardia. Suplemento Culturales*, 379 (23-IX-2009), p. 5. O artigo, que comenta o referendo sobre a independência catalã realizado na localidade de Arenys de Munt (13-IX-2009), começava lembrando –traduzidas– essas palavras de Manuela Ferreira Leite. Sobre o tema, veja-se Eloy Fernández Clemente, *Las relaciones económicas Portugal-España desde su entrada en la Unión Europea, historia de un* , in AA.VV., *Actas dos X Cursos Internacionais de Verão de Cascais (7 a 12 de Julho de 2003)*, Vol. 3, *Portugal e Espanha: Entre o Vazio, o Receio e a Convergência*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais – Instituto de Cultura e Estudos Sociais, 2004, p. 197-235.

⁷⁷. Vicenç Villatoro, «Trossos. Jocs. Madrid. Rio», *Avui*, 2-X-2009, p. 2.

humil. La Sud-amèrica menys espanyola». E acabava com um eloquente e significativo: «Visca Portugal».⁷⁸

Do lado oposto, temos a necessária colaboração. Assim, na mesma página onde escrevia Vicenç Villatoro, encontramos esta informação na secção «Les cares de las notícias», responsabilidade da redacção do jornal: «La Caixa i el banc portuguès BPI acaben d'establir un acord per donar servei a empreses que operen a Espanya i Portugal. Es constitueix així la xarxa bancària especialitzada en empreses més important de la Península». Uma entidade bancària catalã e uma outra portuguesa, portanto, colaborando para abarcar a Península inteira. Ou, também, poderíamos falar da «candidatura ibérica» para organizar o Mundial de Futebol no ano 2018.⁷⁹

Na Península, até hoje, não triunfou a «ideia castelhana», pois Portugal é uma nação independente e, dentro da Espanha, há nacionalidades que continuam a ter uma vida cultural própria e umas aspirações políticas de maior autonomia ou mesmo de independência. É possível no futuro o triunfo de uma castelhanização peninsular? Antes Castela-Espanha teria que suprimir as outras nações que actualmente são espanholas, e depois deveria conquistar Portugal pela força da economia e da cultura. Um fraccionamento da Espanha favoreceria Portugal? No fim de contas, se o 20 % do PIB português é de empresas espanholas, muitas dessas empresas são catalãs. O espaço luso-catalão é um espaço de solidariedade que se mantém ibérico e na órbita espanhola porque, sendo defensivo perante a ideia castelhana da Península, não pode renunciar ao espaço geográfico em que ambos países estão assentes, mesmo que eles tenham outros interesses económicos e identitários noutras partes da Europa e do mundo, Portugal na sua vocação atlântica e a Catalunha, além das suas relações com as outras terras de fala catalã dentro e fora da Espanha, com o Mediterrâneo e com o Sul da actual França (lembre-se que o occitânico, com o nome de aranês, falado numa comarca catalã, é actualmente uma língua oficial em todo o território da Catalunha).

De tudo o que disse, vê-se claramente que as identidades básicas nacionais são compatíveis com espaços maiores de identificação também básica ou transversal. Esses espaços são definidos pelo conflito e ao mesmo tempo pelo relacionamento histórico, geográfico, cultural e económico. A partir de aí, os diferentes grupos nacionais podem

⁷⁸. David González, «Rio trenca la “corazonada”», *Avui*, 3-X-2009, p. 3. Mais diplomático, depois de exprimir a sua alegria pela escolha do Rio de Janeiro, José Carlos de Vasconcelos escrevia: «da nossa “vizinha” Madrid, a que também estamos tão ligados e esperamos seja a vencedora em próxima oportunidade» («JO: Rio, Brasil, 2016», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 1018, 7-20 Outubro de 2009, p. 3).

⁷⁹. Veja-se, entre muitos outros, *Público*, 19-1-2009.

estabelecer relações de identificação, chegando-se ao ponto, no caso da «Renascença Portuguesa» e do catalanismo, a crer na existência dum princípio nacional idêntico luso-galego-catalão. De facto, poder-se-ia mesmo dizer que no Saudosismo existe uma *nação* luso-galego-catalã que exprime a necessidade de formular uma ideia da Ibéria compatível com o próprio nacionalismo para poder estabelecer relações mais seguras com as outras zonas da Península que são vistas ao mesmo tempo como próximas e como uma ameaça.

Se uma identidade nacional é compatível com identidades supranacionais, isso quer dizer que a ideia de Europa também pode ser compatível com as identidades básicas nacionais. Mas isso tem de ser feito pelo menos a três níveis:

- 1) O nível supraeconómico e institucional, que já existe em parte e que garante uns direitos a todos os europeus.
- 2) O nível de relacionamentos entre identidades solidárias (caso Portugal-Catalunha, ou, por exemplo, entre países mediterrânicos que partilham uma história e uma economia regional comum ou semelhante).
- 3) O nível dos «espaços de comunidades culturais e nacionais», isto é, as zonas históricas de relacionamento identitário e, ao mesmo tempo, conflitivo (caso da Península Ibérica).

Este terceiro nível é essencial. A Europa deve ser, como queria Gaziell, o lugar onde as zonas conflituais sejam reconduzidas superando as lógicas estatais. O poeta Salvador Espriu, autor de *La pell de brau* (1960), um dos grandes livros iberistas de sempre, fez um poema, cuja primeira versão é do ano 1959, titulado «M'han demanat que parli de la meua Europa», e ali, lamentando as guerras que tinham destruído a sua pátria, que ele identifica com os territórios onde é falado o catalão, escreveu:

Per això ara és tan profunda la nostra esperança
–en el meu somni, ja contemplada realitat–
d'integrar-nos, en un temps que sentim proper,
salvades la nostra llengua i la nostra història,
en una unitat superior que duu el nom,
obert, bellíssim, d'aquella filla d'Agènor
que un savi esguard veia prodigiosament passar

de la costa fenícia a les platges de Creta.⁸⁰

Esse é um dos grandes papéis da Europa: conseguir o respeito de todas as nações que a compõem, ajudar a reduzir os conflitos regionais europeus a vias democráticas. O respeito para as diferentes zonas nacionais e as suas vontades democráticas tem de ser uma conquista europeia. Só assim a Europa construirá realmente uma nova identidade supranacional e só assim as zonas em conflito poderão ser percebidas em termos positivos por todas as nações que as compõem.

⁸⁰. In Salvador Espriu, *Obres Completes / 2. Poesia, 2*, Barcelona, Edicions 62, 1987, p. 220.